

humanidade no médio prazo, mas também trabalhar ativamente para que a transição seja o menos dolorosa possível.

Seja qual for o preço a pagar durante o parto, não há necessidade de ficar hipnotizado por acontecimentos negativos, nem de ignorar os problemas que ameaçam a humanidade. Cabe uma ação vigilante no sentido de construir - de dentro para fora - a civilização da fraternidade universal.

Para Economizar Tempo e Energia



Podemos evitar perda desnecessária de tempo tomando algumas medidas práticas. A primeira delas é verificar se temos objetivos definidos em nossa vida, considerando que, no plano físico, não somos imortais.

As metas da encarnação atual valem a pena?

O passo seguinte é examinar quais de nossos hábitos atuais nos aproximam de nossos objetivos, e expandi-los. Devemos verificar também que ações nos afastam de nossas metas, e renunciar a elas.

Atendidas estas condições básicas - cuja realização nem sempre é fácil - poderemos economizar uma quantidade decisiva de tempo e de energia.

As Lições do Sistema Solar



Saibamos disso ou não, a vida na Terra se desenvolve em diálogo ininterrupto com incontáveis aspectos da vida muito mais ampla de nosso sistema solar.

Há uma dança de bilhões de anos nos céus.

Cada planeta ensina às nossas almas um conjunto específico de lições, e seus ensinamentos e influências interagem entre si o tempo todo.

0000

* **O aprendiz que busca** o caminho da sabedoria deve perseverar no plantio de bom carma a cada momento, usando de coragem quando necessário mas evitando o excesso de audácia.

* **Devemos ser igualmente capazes** de esperar, de permanecer em silêncio, de tomar decisões fortes e de agir sem hesitação de acordo com a voz sem palavras da nossa própria consciência.

0000000000

O Perdão Que Transcende o Conflito

Paz Mundial Deve Começar em
Silêncio no Coração de Cada Um



“As bombas se empilham nas fábricas, a polícia percorre as cidades, as mentiras fluem pelos alto-falantes, mas a terra continua girando em torno do sol, e nem os ditadores, nem os burocratas, por mais que desaprovem o processo, são capazes de evitá-lo.” [1]

Publicadas em meados do século 20, essas palavras do escritor inglês George Orwell estão perfeitamente atuais na primeira metade do século 21.

Enquanto escrevo, a civilização atual vive uma transição dolorosa, e avança como sonâmbula na direção de um futuro que poucos conhecem. As tensões políticas, econômicas, ambientais e militares parecem fortes. Há uma ansiedade no ar. O tamanho da crise não deve ser exagerado. Apesar do círculo fechado de conflitos humanos e das preocupações de curto prazo que se eternizam, a imensa Terra ainda gira em torno do Sol. O poder da natureza continua incomparável. A vida cósmica se desdobra graciosamente ao longo de eras incontáveis, enquanto abraça bilhões de estrelas luminosas.

Posso contemplar o infinito no céu acima de mim, assim como faziam meus avós e meus ancestrais ainda mais distantes. Nenhuma lei me proíbe fazer uma oração ou meditar, enquanto meu olhar contempla as nuvens iluminadas pelo sol vermelho que se oculta na linha do horizonte.

Não tenho forças para impor a paz neste ou naquele país. Posso aceitar minha insignificância. Está ao meu alcance ser solidário com as plantas, os animais e as pessoas a meu redor. Os amigos da paz não conseguem impedir as guerras econômicas ou militares. Eles podem criar justiça e harmonia nas situações em que vivem diretamente, e isso talvez seja sua melhor contribuição para o futuro.

Nem todos os fatos externos dependem da minha vontade pessoal. Meu primeiro dever e minha principal oportunidade para agir como cidadão do mundo é estabelecer humildemente uma paz verdadeira em meus pensamentos e sentimentos.

Posso concentrar minha consciência no que é bom. Isso torna mais fácil agir de maneira construtiva. Nada me impede de aceitar a vida como ela é ou de aumentar minha capacidade de amar e de ser feliz, de identificar a verdade e viver de maneira correta.

“Melhor do que o ouro é a sabedoria”, diz a Bíblia em Provérbios, 16:16-18: “e adquirir discernimento é melhor que a prata. A arrogância vem antes da ruína, e o espírito altivo abre caminho para a queda.”

A paz mundial deve começar em silêncio no coração de cada um. Só depois ela se irradia para a vida prática externa. Alimentar ódio contra quem promove guerras é pior que inútil, porque tudo começa no pensamento. É melhor ser criativo e plantar ações e sentimentos de solidariedade nas situações reais que dependem de mim.

O ser humano tem dentro de si um centro imortal de paz e equilíbrio. A voz desse centro, que é a voz da razão, não grita. Ela fala por sussurros. A mente turbulenta e agitada deve fazer silêncio para que ela se faça ouvir. Sigmund Freud escreveu:

“A voz do intelecto é suave, mas não descansa enquanto não consegue uma audiência. Finalmente, após uma incontável sucessão de reveses, ela obtém êxito. Esse é um dos pontos sobre os quais se pode ser otimista a respeito do futuro da humanidade, e, em si mesmo, não é de pouca importância.”[2]

A voz da razão vem falando aos corações há muito tempo, e ganha cada vez mais nitidez. O *Dhammapada*, que registra o ensinamento dado por Gautama Buddha há 2500 anos, afirma logo nos seus primeiros versos:

“Nesse mundo a inimizade nunca é eliminada pelo ódio. A inimizade é eliminada pelo amor. Essa é a Lei Eterna.” [3]

E quinhentos anos depois de Buddha, Jesus acrescentou:

“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Amem o seu próximo e odeiem o seu inimigo’. Eu, porém, digo a vocês: ‘Amem os seus inimigos e orem pelos que perseguem vocês; desse modo vocês se tornarão filhos do seu Pai que está nos céus, por que ele faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons, e faz cair a chuva sobre justos e injustos.’” (Mt 5:43-45)

Amar nossos inimigos significa ser corretos e justos com eles. Temos o direito de afastar-nos de quem nos agride e de preservar nosso sossego, mas devemos respeitar a todos os seres.

A sabedoria eterna recomenda construir o que é correto, fundamentalmente, e só secundariamente combater o que está errado. Os sentimentos de revolta e rancor não são bons conselheiros. Embora seja indispensável ter espírito crítico, ele deve ser exercido com serenidade e sem apego.

O que fazer com os sentimentos de frustração? Quando me vejo como uma criança, psicologicamente, eu exijo ser compreendido e ajudado, e não dou importância a compreender

ou ajudar. É a autoestima, a percepção de que há algo absolutamente valioso dentro de mim, que me permite deixar de lado a luta neurótica pela autoafirmação. Quando o centro de paz e os sentimentos de solidariedade despertam em meu coração, o afeto surge em direção aos outros de maneira incondicional.

Podemos estar insatisfeitos com essa ou aquela situação particular, mas temos fortes motivos para ser gratos à vida. Tudo o que somos é resultado da ajuda de outras pessoas. Desde o nascimento fomos auxiliados a cada passo. A casa que habitamos, a roupa que vestimos, nosso alimento, tudo é resultado do apoio de outras pessoas e do trabalho de incontáveis gerações anteriores. Até mesmo a pior das sociedades humanas só existe enquanto há auxílio recíproco entre seus membros. Por isso, a competição é um aspecto menor na natureza. A cooperação é a lei.

Se eu quisesse fazer uma lista completa das pessoas que me ajudaram na vida, não conseguiria. Poucos, entre os que me ajudaram, receberam meu agradecimento sincero. Alguns me salvaram de graves perigos, outros me deram solidariedade em situações dolorosas, e não tenho como retribuir seus gestos. Por que, então, eu chamaria de ingrato a quem ajudo sem receber agradecimento? Quantas vezes fui eu o ingrato? Há muita gente a quem posso pedir perdão. A quantos magoei intencionalmente, movido pela raiva? E a quantos mais magoei sem querer e com a melhor das intenções, errando pela minha ignorância?

O motivo prático para perdoar e pedir perdão em minhas orações e meditações é simples. Um dos principais beneficiados com isso sou eu mesmo. Quando tenho a autoestima necessária para perdoar e pedir perdão sinceramente, eu me liberto de mágoas imensas e de apego ao passado. Então certos pesos insuspeitados desaparecem do meu subconsciente. Meu pensamento pode chegar de algum modo até a alma que fiz sofrer um dia e libertá-la de uma parte das suas dores. Ao mesmo tempo, eu me liberto pelo menos em parte do peso do erro em minha consciência. Fico mais leve e mais apto para ser feliz.

Também posso perdoar, no templo do meu coração, aqueles que me magoaram. Isso deve acontecer naturalmente, e não por obrigação. William Shakespeare escreveu, em 1597:

“O perdão não pode ser forçado. Ele cai do céu como uma chuva suave. Ele é duplamente abençoado, porque eleva a quem dá e a quem recebe. O perdão é mais forte nos poderosos, e coloca um monarca acima da sua coroa. Seu cetro lhe dá a força do poder temporal e é símbolo da reverência e da majestade, do respeito e do medo que os reis inspiram; mas o perdão paira muito acima do poder formal, pois seu trono se afirma no coração dos reis e é um atributo divino - e o poder terreno se mostra quase divino, quando a justiça se associa ao perdão.”[4]

Frequentemente esperamos e exigimos demais das pessoas. Criamos expectativas exageradas. E isso nos torna incapazes de mostrar gratidão, de reconhecer qualidades, ou mesmo de ter uma dose razoável de tolerância em relação aos erros dos outros. Desse modo, relacionamentos agradáveis passam a ser fonte de sofrimento. O escritor peruano Julio Ramón Ribeyro formulou uma tese pessoal a esse respeito:

“Não se deve exigir das pessoas mais de uma qualidade. Se encontramos uma qualidade nelas, já devemos sentir-nos gratos e julgá-las por ela, e não pelas que lhes faltam. É errado exigir que uma pessoa seja simpática e também generosa, ou que seja inteligente e também alegre,

ou que seja bonita e também leal. Aceitemos dela o que ela pode dar-nos. Que a sua qualidade positiva seja o caminho privilegiado através do qual nos comunicamos e nos enriquecemos.”[5]

Para evitar conflitos desnecessários, é útil distinguir o que se vê do que se faz. São duas coisas diferentes. É saudável ter uma visão ampla e universal da vida, mas nossa ação prática deve ser clara, pontual e definida. O pensador romano Terêncio escreveu:

“Tudo que é humano me diz respeito.”

Esse pensamento é sábio. De fato, cada coisa se relaciona com todas as outras, no vasto cosmo. Como escreveu Victor Hugo em “Os Trabalhadores do Mar”, pode-se dizer que *as praias do norte da Europa sentem o impacto das ondas de mar do sul da África*. É sensato, portanto, que eu tente compreender todas as coisas, e especialmente as leis que regem tanto o universo como a minha pequena existência pessoal. Mas qual é minha tarefa?

Qual a minha vocação natural? Meu dever é administrar bem aquilo que está a meu alcance, e não pretender controlar o que não depende de mim. “Pensamento global, ação local”, diziam os ecologistas durante a década de 1980. Quando pretendo agir sobre algo que está fora do meu alcance, fracasso. Quando faço com eficiência o bem o que está dentro dos limites do possível, minha boa ação acaba tendo consequências benéficas até mesmo para situações distantes.

Na medida em que descobrimos o caminho da sabedoria e mantemos um espírito prático diante da vida, certas coisas começam a perder valor para nós. A simplicidade pessoal nos ensina a abrir mão do que é secundário.

Não existe aqui uma renúncia forçada, feita por obediência cega a um mestre ou uma escritura sagrada. Vemos as coisas como elas são, e evitamos o caminho do autoengano, antes de sermos traiçoeiramente surpreendidos pela desilusão.

Isso não se consegue da noite para o dia. A caminhada da alma humana avança sem pressa e sem pausa, e inclui um período de tempo que bem poderíamos considerar uma eternidade. Mas cada passo dado no caminho amplia o horizonte, alivia o sofrimento e nos torna interiormente mais felizes.

Devemos ser modestos. Estamos, como humanidade, na pré-história da nossa felicidade. Avançamos lentamente para um futuro abençoado de fraternidade universal, em que teremos esquecido o tempo da guerra e da injustiça. Enquanto isso, a terra continua girando, bela e azul em torno do Sol da luz eterna.

(Carlos Cardoso Aveline)

NOTAS:

[1] “Cazando un Elefante”, de George Orwell, Editorial Guillermo Kraft, Buenos Aires, 1955, 200 pp., ver p. 196.

[2] “O Futuro de Uma Ilusão”, de Sigmund Freud, Ed. Imago, RJ, p. 83.

[3] Veja o Capítulo 1, versículo 5, de “O Dhammapada”. A obra está disponível na íntegra em www.FilosofiaEsoterica.com .

[4] “O Mercador de Veneza”, Cena I, Ato IV. Para traduzir o trecho, comparei o original em inglês (“Complete Works”, Magpie Books, Londres, 1992) com a edição das obras completas de Shakespeare, Edições Melhoramentos, SP, volume III, tradução de Carlos Alberto Nunes, pp. 173-174.

[5] Citado em “Serenidad”, obra de Alberto Briceño Polo, Sairam Editores, Lima, Peru, 298 pp. em formato de bolso, ver pp. 90-91.

000

Uma versão inicial do texto acima foi publicada há mais de dez anos na revista **Planeta**, de São Paulo.

000000

Para Ver Além da Máscara



Não pergunte a si próprio se por um acaso alguns dos seus sentimentos inferiores e involuntários podem disfarçar-se como “visões sagradas” e como “devoção religiosa”, para mais tarde desafiar brutalmente a sua vontade espiritual quando surge uma oportunidade.

Não se interrogue a este respeito: seja prático. Ganhe tempo. Pergunte a si próprio quais são estes sentimentos que se disfarçam e se ocultam de você mesmo, e quais são as máscaras que eles usam. Porque eles estão lá. Olhe para eles desde o ponto de vista da sua potencialidade sagrada. Os aspectos mais perigosos do nosso eu inferior nos ensinam lições de grande valor através dos desafios, das armadilhas e dos obstáculos que criam.

Ideias ao Longo do Caminho



- * A paz e a sabedoria fluem no silêncio, em harmonia com a lei do equilíbrio.
- * O autocontrole e a autodisciplina produzem uma felicidade incondicional. Uma vida simples torna mais fácil desenvolver um foco vitorioso em nossa visão das coisas.
- * Uma ausência de barulho rodeia o que é belo: o cumprimento do dever é um caminho seguro para a bem-aventurança.
- * A teosofia original ensina que o conhecimento espiritual deve ser duramente testado na vida diária, para que não se transforme em mera pretensão ou faz-de-conta.
- * Pensamentos sem rumo devem ser evitados por causa do seu magnetismo negativo. Cada ideia que passa por nossa mente precisa ter um propósito claro, e devemos sentir-nos responsáveis por ela e pelos seus resultados.
- * A chave para a concentração da mente está na renúncia ao que não tem importância primordial.
- * A ação concreta e a contemplação abstrata são igualmente necessárias. Elas possibilitam uma à outra. A contemplação das coisas universais expande nossa alma.
- * Na presença do silêncio, as palavras tendem a ser verdadeiras. A felicidade brilha num equilíbrio correto entre o silêncio e o som, entre a contemplação e a ação.
- * A voz da nossa consciência não precisa usar palavras. Para ouvi-la, basta que haja uma ausência de ruídos mentais e emocionais.

- * Quando focamos a consciência em nossa alma espiritual, entramos em contato com a vida do universo.
- * No silêncio da alma, a verdade brilha indelével.
- * A tarefa do estudante de teosofia inclui colocar os acontecimentos de curto prazo no contexto maior do tempo eterno.
- * Para enfrentar os desafios da vida diária, o ser humano tem dentro de si uma quantidade ilimitada de recursos. Um deles é o desapego: outro é a coragem. A criatividade é um terceiro fator.
- * Todo espelho produz imagens simétricas. Uma relação de amor funciona como espelho, que pode estar sujo ou limpo, e pode ser exato, ou distorcer. Para ativar de modo sustentável o que há de melhor no ser amado, é preciso manter-se em contato com o que há de melhor em si mesmo.
- * Abençoados são aqueles que examinam o que está abaixo da superfície das coisas. Porque, na maior parte dos casos, as bênçãos estão ocultas sob aparências pouco agradáveis; e, por outro lado, mais de uma influência nociva se apresenta como agradável e até mesmo divina.
- * Uma visão impessoal de nós mesmos é a melhor bússola que podemos usar. Ela nos capacita para trilhar o caminho do coração.
- * Nossos hábitos são nossos melhores amigos, ou nossos carcereiros. Isso dependerá das metas que temos na vida. Quando nosso propósito central é digno, podemos examinar os hábitos um a um e ver quais entre eles ajudam a alcançar a meta básica da encarnação atual, e quais atrapalham. Os hábitos nocivos devem ser destruídos para que haja progresso. No lugar deles, bons hábitos precisam ser estabelecidos, e gradualmente fortalecidos.
- * Planejar requer o uso da vontade, mas aumenta a eficiência.
- * O planejamento é tão importante quanto a capacidade de olhar a vida como se não houvesse planejamento. Um espírito criativo renova os nossos planos de ação, mantendo-os no que têm de mais importante. Devemos planejar a preservação de espaço para olhar para a vida desde novos pontos de vista a qualquer momento, sem perder de vista a continuidade e a perseverança.
- * Somos todos aprendizes. Questionar e reexaminar constantemente as nossas premissas é saudável porque torna mais firmes os alicerces da nossa ação. Mas o questionamento correto leva à pesquisa e ao estudo. A dúvida pela dúvida é tão ruim quanto a crença cega. A duas atitudes se alimentam de preguiça mental.
- * No âmago da alma assim como nas circunstâncias externas, a vida combina estabilidade e mudança. Necessitamos dos dois fatores. Há um momento para decidir pela continuidade, e um momento para mudar decididamente. A transformação não deve ser um salto no escuro: precisa ocorrer com coragem e prudência, tendo à frente a meta solidária que se deseja obter através do trabalho duro e com base no mérito próprio. (CCA)

O Brasil Avança Para a Sabedoria

Mas o Verdadeiro Progresso
Deve Ocorrer De Baixo Para Cima



A renovação de um país não é impedida pela não-renovação dos dirigentes. É apenas dificultada.

O Brasil deve mesmo mudar a partir das cidades e dos estados, e não da presidência da república. Deve mudar em cada casa, cada vila e bairro, sem pedir licença ao Palácio do Planalto.

Assim é nos Estados Unidos e em outras nações cuja democracia é forte: o presidente manda pouco. É da base e na base que se faz a mudança. O Brasil deve renascer na consciência de cada cidadão.

O futuro do país depende de haver uma profundidade e uma ética no modo como a sua população vê a vida, e também na maneira como os seus cidadãos olham para o universo, e no modo como percebem o sentido da vida de cada ser. As crises e desencontros criam condições para o despertar de uma consciência mais profunda.

0000

Henrique Luiz Roessler: **O Pioneiro da Ecologia no Brasil**



Foto do primeiro semestre de 1954: Roessler, à direita, junto a armas e munições apreendidas de caçadores ilegais

Henrique Luiz Roessler (1896-1963) dedicou sua vida desde 1939 à luta contra a pesca ilegal, o desmatamento, a caça clandestina e a poluição. Contador de profissão, imprimia milhares de folhetos sobre a proibição da caça. Em 1944, foi nomeado delegado florestal no Rio Grande do Sul, cargo não remunerado.

A pioneira Delegacia Florestal tinha sede em São Leopoldo e chegou a contar com 400 guardas voluntários espalhados pelo território gaúcho. Roessler incomodava setores influentes da sociedade, até que na metade da década de 1950 a pressão de madeireiros, caçadores e poluidores industriais chegou a um ponto de não-retorno. Numa tentativa de neutralizá-lo, Roessler foi destituído do cargo de Delegado Florestal sob a estranha alegação de que “não era possível trabalhar gratuitamente para o governo”. Como resposta, ele fundou em janeiro de 1955 uma das organizações ambientalistas mais antigas do país, a União Protetora da Natureza, UPN.

Roessler foi um místico da natureza. Era um contemplativo e, ao mesmo tempo, um homem de ação. Em crônicas semanais no jornal “Correio do Povo”, de Porto Alegre, usava uma linguagem irreverente contra os infratores da legislação ambiental. Seu trabalho preparou o surgimento de uma nova etapa do movimento ecológico e da consciência ambiental brasileira a partir de 1971. Seu exemplo pessoal de bravura, de ética e integridade ainda brilha hoje, e pode inspirar futuras gerações. A seguir, uma breve entrevista com Roessler através dos seus escritos. [1]



Henrique Luiz Roessler, em torno dos 50 anos de idade

1) Você é um homem de contrastes. Foi um místico e um guerreiro. Passava noites em claro no meio de bosques, para surpreender caçadores clandestinos. E sempre lhe faltou paciência para lidar com a demagogia. Como você vê a atitude dos políticos profissionais?

Vivemos na idade dos anúncios bombásticos, da superficialidade e das expressões inchadas, das palavras infladas de mentiras, do fraseado oco. Isso é algo que temos de considerar, quando ouvimos as palavras “proteção à natureza”. Tanto se fala e escreve sobre ela que vale a pena perguntar: “Não será tudo fanfarrice, jactância? Temos realmente uma proteção à natureza ou tudo não passa de uma bonita formulação de palavras? Se a temos realmente, valerá mesmo alguma coisa? Ou é somente um expediente falso, um pretexto para justificar gastos de verbas, uma passagem para a ruína, um último constrangimento, um espernear, uma agonia de morte?”

2) Como você encara a comemoração anual do Dia da Árvore, em setembro?

Em vez de dia de festa, devia ser um dia de luto pela floresta desaparecida, e deviam chorar de vergonha os que deixaram de cumprir o seu dever, especialmente aqueles que foram pagos ou obtiveram lucros e que cometeram o crime da omissão, nada fazendo. O que não dá renda imediata, ninguém gosta de fazer. Quem hoje em dia vai se lembrar do dia de amanhã? Aquele que pensa em um futuro remoto, daqui a 100 ou 200 anos, e planta árvores para as gerações futuras colherem os frutos do seu trabalho, é considerado louco pela mentalidade atual.

3) Uma alternativa para a preservação ambiental é a educação dos jovens?

A juventude escolar, nossa esperança de um futuro melhor, devia ser ensinada a amar a terra, a floresta e a fauna por meio de um sistema pedagógico moderno, pondo-a em contato direto com a natureza, e isso especialmente em relação à mocidade das cidades, que geralmente fica

presa em casa e assim não chega a conhecer a beleza de um mato nativo. A teoria pode servir muito, mas não há nada melhor que a prática, que deixará recordações mais duradouras no espírito das crianças. Levem-nas para dentro da mata, ensinando-as a distinguir as diferentes espécies de árvores pelas folhas, cascas e frutos; mostrem-lhes as minúsculas sementes, das quais se geram os gigantes das selvas, as orquídeas, musgos e cipós que cobrem os galhos, o sub-bosque com a infinidade de arbustos, os capins e folhagens que cobrem o chão tapetado de folhas caídas que formarão o húmus fertilizante, os insetos, borboletas e pássaros que povoam o mato. Expliquem-lhes no ambiente natural a utilidade da floresta virgem para a humanidade. Arrumem um silvicultor ou simples colono para ensinar aos jovens como usar a pá e a enxada, como preparar canteiros, como semear, regar, sombrear, arrancar inço, enfim, todos os cuidados culturais. (...) Tudo isso deixaria impressões indeléveis na alma das crianças.



A última foto de Roessler, tirada pouco antes da sua morte

4) Você seguia uma espécie de disciplina interior e alcançava estados meditativos durante suas experiências na floresta. O que você disse à sua neta sobre o modo certo de meditar?

Primeiro, é preciso fazer silêncio por muito tempo. Depois é conviver com essa calma muda, como se fosse algo palpável.

No sossego de dentro, na alma capaz de ficar quieta, há uma vida que a maioria das pessoas infelizmente desconhece. (...) Não se precisa falar o tempo todo. O ser humano só poderá melhorar e crescer se o lugar do silêncio for encontrado.

(Carlos Cardoso Aveline)

NOTA:

[1] As fontes das respostas são respectivamente as seguintes: **1)** “O Rio Grande do Sul e a Ecologia: Crônicas de um Naturalista Contemporâneo”, coletânea de textos de Henrique Roessler publicada pela Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, AGAPAN, em 1986, 219 pp., ver p. 71. **2)** “Crônicas...”, obra citada, p. 34. **3)** “Crônicas...” obra citada, pp. 35-36. **4)** “O Homem do Rio, Biografia Íntima de Henrique Luiz Roessler”, de Maria Luiza Roessler, AGE Editora, Porto Alegre, 1999, 144 pp., ver p. 42.

000

O texto acima apareceu pela primeira vez na revista “Planeta”, de São Paulo, e foi escrito segundo a mesma técnica usada no livro “**Conversas na Biblioteca**”, de Carlos Cardoso Aveline (Edifurb, Blumenau, SC, 169 pp., 2007). O trabalho de Roessler é citado na obra “**A Vida Secreta da Natureza**”, de Carlos Cardoso Aveline (Bodigaya, Porto Alegre, 157 pp., 2007). Sua vida é tema dos livros “**Roessler, o Homem que Amava a Natureza**”, de Elenita Malta Pereira, e “**Roessler: o Primeiro Ecológico**”, de Ayrton Centeno.

00000

* **Cada desafio** que enfrentamos constitui um convite para avançar e fazer ainda mais esforços na busca dos nossos ideais.

* **A mente concentrada não “exclui”** necessariamente aquilo que está fora do objeto escolhido para observação. A mente centrada percebe a vida inteira. Ela também transcende cada um dos aspectos manifestados da existência, e mantém seu foco central acima de todos eles.

0000000000

A Arte de Agradecer

Há milênios, a experiência acumulada da busca da sabedoria indica que a *arte de agradecer* figura entre as chaves secretas do Caminho da verdade. O conhecimento de alma que permite optar conscientemente entre a ambição e o agradecimento constitui uma lição avançada em filosofia esotérica. “Ao invés de desejar o que não tem, agradeça pelo que possui”, aconselham os sábios.

(Do artigo “A Arte de Agradecer”, de Carlos Cardoso Aveline, que está disponível em www.FilosofiaEsoterica.com e seus websites associados.)

O Poder do Pensamento

Algumas Ideias Práticas Para Quem Deseja Assumir o Comando da Sua Própria Vida



Calma sentado entre meus livros, penso no duro combate entre sabedoria e ignorância que ocorre dentro da mente humana. É uma luta sem tréguas, e a sabedoria nunca fica parada.

O conhecimento divino é tão vivo e dinâmico como o universo. Ele se manifesta o tempo todo em fatos concretos que o confirmam e reforçam. Se ficasse imobilizado, perderia terreno. A ignorância espiritual faz o mesmo. A energia da sombra imita a luz e se disfarça e esconde. Finge que não existe mais, para depois ressurgir do nada, quase sempre disfarçada de justiça, amor e compaixão.

No palco de guerra da mente humana, bons e maus pensamentos lutam pelo comando das ações. Não basta que as ideias sejam nobres. Embora possa parecer elevado, o pensamento que não gera um ato correspondente produz com frequência mais confusão que ajuda. O pensamento é a semente da ação. A semente que não germina é perigosa, porque sua aparência engana e desinforma.

Na prática, qualquer desligamento entre sentimentos e pensamentos é inviável. Amar e compreender são dois processos diferentes, mas inseparáveis. As emoções devem estar em paz para que haja clareza no pensamento, e o pensamento deve estar límpido para que haja tranquilidade emocional.

Vejam, por exemplo, o que ocorre na vida diária de quem busca a verdade. Sabemos que a paz está dentro de nós, mas estamos acostumados a procurar pela felicidade no mundo externo. Decidimos deixar que os nossos sentimentos e pensamentos apressados se extingam para que possamos contemplar a paz. Mas ondas de ansiedade fazem de tudo para desviar a atenção e virar o barco da serenidade.

Quando estabelecemos um pensamento para contemplar e meditar ao longo do dia, o pensamento-chave se mantém como uma casca de amendoim oscilando em mar agitado. E no entanto, se há força de vontade suficiente, a casca de amendoim tem o poder de acalmar o mar de emoções ao seu redor.

Se dividirmos em três setores o campo total da energia humana, teremos o espaço supraconsciente, o consciente e o subconsciente; ou, se preferirmos, a dimensão divina, a humana e a animal. O grande campo da luta sem tréguas é o setor intermediário, o território do “eu” separado, o nível humano, onde se encontram a energia divina e as tendências animais. Em meio a esta batalha, o “eu” só pode influenciar gradualmente o processo da vida. As tentativas de acelerar o curso do rio ou antecipar o amanhecer serão, em parte, inúteis. Queiramos ou não, o método é sempre o mesmo. O aprendizado tem etapas, e elas giram como um carrossel. O esforço vai da observação da vida à definição de uma meta, depois à tentativa, e ao erro. Então há uma nova observação, uma nova meta, e assim sucessivamente.

As energias humanas, divinas e animais estão registradas no campo sutil que rodeia nossos corpos físicos. O coração, o cérebro, cada órgão e célula do corpo vivem um processo ondulatório de expansão e retração eletromagnéticas. A emoção, o pensamento e a intuição são também ondas elétricas, embora de frequência vibratória e sutileza diferentes. As emoções, como os pensamentos, se diferenciam muito entre si. Algumas trazem para nosso corpo padrões vibratórios harmoniosos, que produzem saúde e bem-estar, e outras não.

O campo magnético ao redor dos nossos corpos físicos é chamado de “aura”, uma palavra latina que significa “ares”. O “ar” sutil - *akasha* ou luz astral - contém o registro de quem somos. Nele estão os registros do nosso passado distante e próximo, e também as sementes do futuro de curto, médio e longo prazo, que desenvolveremos desta ou daquela maneira, usando nosso livre arbítrio.

Para saber o estado da nossa aura, podemos examinar honestamente se o foco médio da nossa consciência obedece mais à nossa natureza divina ou ao nosso “eu” animal. Estaremos já preparados e dispostos a usar o poder do pensamento, sendo autores dos nossos próprios pensamentos e sentimentos? Ou ainda preferimos ser arrastados pelas circunstâncias externas?

Ao chegar a casa depois do trabalho, podemos empregar o tempo para serenar emoções, elevar os pensamentos e fazer algo útil enquanto descansamos.

Ou podemos renunciar ao uso responsável do poder do pensamento, ligar a televisão ou rádio em programas inúteis e deixar que nossas mentes sejam transformadas em depósitos de lixo mental e emocional, recebendo imagens nocivas de filmes violentos, propagandas inúteis ou pseudonotícias que giram em torno de imagens destrutivas.

Aparentemente queremos ser donos das nossas vidas. Será que temos o poder e a força necessários para definir de fato o rumo dos nossos próprios sentimentos e pensamentos? Quando quisermos, assumiremos o poder. No livro *Porta Para o Infinito*, Dom Juan explica para Carlos Castaneda que a comunicação dos segredos da sabedoria iniciática nunca é verbal. [1] O segredo só se transmite quando o aprendiz é capaz de viver a lição de corpo e alma.

Dom Juan chama de “poder pessoal” a capacidade de aplicar as verdades universais à nossa vida concreta. A pessoa que não possui “poder pessoal” pode ler, ouvir ou mesmo falar da

sabedoria divina enquanto continua vivendo da mesma forma que antes, ou com mudanças apenas externas, porque não tem força suficiente para alterar sua realidade específica.

Enquanto alguém não assume a direção dos seus próprios pensamentos, a sua atitude diante da realidade é formada automaticamente por reações instintivas, mesmo que ele discursse sobre temas intelectuais e até teosóficos. A pessoa é levada pelo turbilhão superficial do oceano da vida. No fundo, porém, cada um é sempre autônomo num nível fundamental. Embora alguém possa postergar o momento em que assumirá pleno domínio da sua vida, é impossível libertar-se totalmente do seu livre-arbítrio, ou da responsabilidade pelo que pensa, sente e faz. Até mesmo a omissão é uma decisão tomada livremente, e as suas consequências retornarão a seu devido tempo para aquele que se omite. Um mestre de raja ioga escreveu, no século 19:

“... Cada pensamento do homem, ao ser produzido, passa ao mundo interno e se torna uma entidade viva associando-se - amalgamando-se, poderíamos dizer - com um elemental, isto é, com uma das forças semi-inteligentes dos reinos. Ele sobrevive como inteligência ativa - uma criatura gerada pela mente - por um período mais curto ou mais longo, proporcionalmente à intensidade da ação cerebral que o gerou. Desse modo um bom pensamento é perpetuado como força ativa e benéfica, um mau pensamento como demônio maléfico. Assim, o homem está constantemente ocupando sua corrente no espaço com seu próprio mundo, um mundo povoado com a prole de suas fantasias, desejos, impulsos e paixões; uma corrente que reage sobre qualquer organização sensível ou nervosa que entre em contato com ela na proporção da sua intensidade dinâmica. A isto os budistas chamam de ‘Skandha’. Os hindus lhe dão o nome de ‘Carma’. O adepto [*um sábio*] produz essas formas conscientemente; os outros homens as atiram para fora inconscientemente.” [2]

Nos seus escritos esotéricos, dirigidos inicialmente a uns poucos estudantes selecionados, Helena Blavatsky ensinou sobre a aura externa e maior de um ser humano, o ovo áurico. Imediatamente em torno do nosso corpo físico estão energias magnéticas de frequências vitais (o *prana*), emocionais (desejos, apegos e rejeições) e mentais (pensamentos e opiniões pessoais).

Por fora deste conjunto de carmas de curto prazo está o invólucro ou ovo áurico, o *akasha* puro e primordial em que estão registrados o passado e o potencial a ser desenvolvido no futuro pelo indivíduo. O ovo áurico é para o ser humano individual o que o espaço absoluto (Parabrahman) é para o universo. Quando nascemos, ele nos contém e nos inspira. Quando morremos, ele nos recolhe. Em todos os momentos, ele observa nosso crescimento em direção à luz e dialoga misteriosamente com o nosso Atma, o *eu eterno*, a fagulha suprema.

Vivemos em grande parte presos por hábitos, apegos e outras limitações emocionais e mentais que nós próprios criamos, direta ou indiretamente. Não temos plena consciência disso, porque um dos hábitos mais limitadores é o de não reconhecer que o mundo mental e emocional em que vivemos foi criado por nós próprios.

O que é, afinal, que nos leva a postergar o momento em que assumiremos voluntariamente as rédeas da nossa vida?

A ciência esotérica ensina a plantar um futuro luminoso através de pensamentos, sentimentos e atos corretos. Viver sabiamente é uma questão científica e deve ser resolvida no laboratório experimental da existência cotidiana de cada um.

As grandes verdades universais, filosóficas e religiosas, provocam reações químicas purificadoras. O costume de navegar no silêncio interior nos faz despertar para o poder ilimitado de compreender e de amar o universo. Ao mesmo tempo, nos preparamos para renunciar lenta e irreversivelmente ao que não é divino. Vejamos neste ponto um exercício prático.

Abrindo Espaço Para a Sabedoria

Pensamentos, emoções e informações são como os móveis de uma sala. Se há móveis em excesso, não existe liberdade de movimento. Um excesso de ideias na mente não permite pensar com clareza.

A mente vazia, como uma sala sem móveis, tem um potencial ilimitado. Para despertar o poder do pensamento é interessante retirar do nosso espaço mental os velhos armários cheios de lembranças inúteis, os tapetes bolorentos de emoções inferiores, o lixo acumulado das frustrações e as poltronas rasgadas das expectativas pessoais. Cabe abrir a janela para que entre ar puro.

Sete pontos básicos:

- 1) Todos temos assuntos que nos preocupam, mas devemos simplificar ao máximo essa “agenda de preocupações”. É preciso fazer o melhor que podemos e deixar que a vida se desenvolva livremente. Toda tentativa de ser onipotente gera sofrimento.
- 2) Prepare-se para o pior. Não finja que você ou os seres que ama são imortais ou jamais irão envelhecer, ou que outras coisas desagradáveis jamais ocorrerão. Esteja preparado. Seja realista. Isso elimina os medos subconscientes, desperta a coragem diante da vida e liberta o poder do pensamento.
- 3) Livre de medos, pense no melhor. Visualize o bem. Construa o que deseja e mantenha o pensamento positivo. A imaginação é a ação de criar imagens. Ela constrói sua vida física, emocional e mental.
- 4) Examine suas relações pessoais. Elas valem a pena? Decida melhorar as relações valiosas. Afaste-se das pessoas cuja influência é daninha ou desacelere, respeitosamente, as relações com elas. Ouça seu próprio coração e busque pessoas que façam o mesmo. Jamais deseje a infelicidade de outra pessoa. Você seria o principal prejudicado. Irradie, sem expectativas pessoais, sua energia positiva para as pessoas com quem você convive.
- 5) Abra mais espaço na sua agenda para silenciar, meditar, parar, ler lentamente bons textos sobre a arte de viver. A leitura vagarosa desperta o poder do pensamento.
- 6) Não deixe sua mente ociosa. Selecione pensamentos elevados dos bons livros que ler - ou crie seus próprios - e medite neles nos momentos de espera, no trabalho, no trânsito e sempre que sua mente correr o risco de ficar ociosa ou dispersa.

7) Pratique a auto-observação. Aprenda com seus erros e sua margem de êxito, clareza mental e força interior aumentarão radicalmente.

(Carlos Cardoso Aveline)

NOTAS:

[1] “Porta Para o Infinito”, Carlos Castaneda, Editora Record, RJ, 258 pp., ver capítulo um.

[2] “Cartas dos Mahatmas Para A.P. Sinnett”, Ed. Teosófica, Brasília, 2001, edição em dois volumes, ver volume II, Anexo I, p. 343.

0000

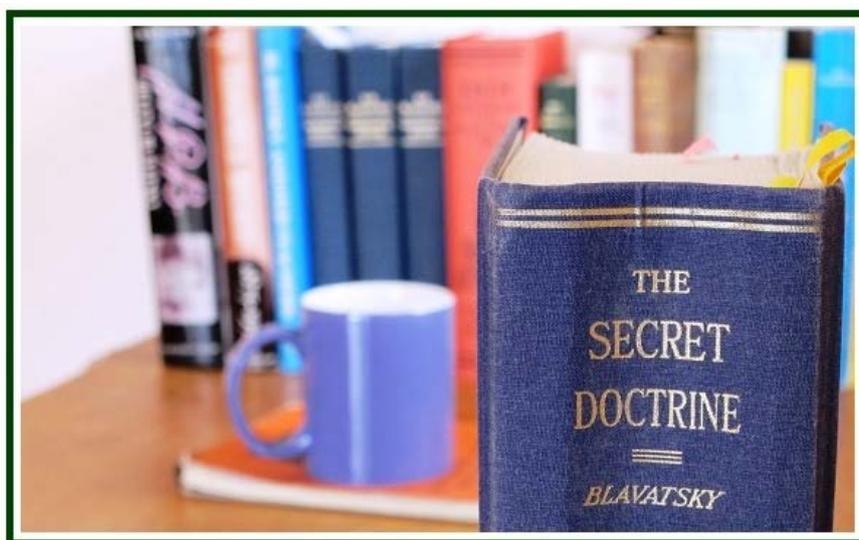
Uma versão inicial do texto acima apareceu na revista “**Planeta**”, de São Paulo, em agosto de 2000.

000000

* **É um dever e uma honra** criar ritmos de vida cada vez mais coerentes com o ideal de progresso e perfeição humanos. Assim surge uma caminhada probatória. Ao longo dela, a bênção está nos níveis incondicionais de paz interior.

A Cultura Oficial e A Doutrina Secreta

José Manuel Anacleto



Para as *gentes* da cultura oficial, incluindo a grande parte dos “acadêmicos”, *A Doutrina Secreta* de Helena P. Blavatsky é geralmente desconhecida, porque as pessoas estão viciadamente formatadas quanto ao que devem procurar ou não.

Quando chega a ser conhecida, representa quase sempre um incômodo. Implica um estudo que não tem o apoio dos interesses do mundo nem serve os objetivos de promoção e brilho externo. Depois, o seu conteúdo é-lhes basicamente incompreensível. Habitadas que estão à mesquinhez de interesses e aos voos rasteiros das concepções correntes, a grandiosidade do seu sistema, como ciência-sabedoria de tudo, escapa-se-lhes por inteiro. E para aqueles “investigadores solenes das coisas fúteis”, a grandeza de *A Doutrina Secreta* é reduzida à limitação da sua capacidade mental.

Debalde tentam esquartejá-la para tentar que caiba nas categorias mentais e sistemas interpretativos vulgares - e simplistas. Quando muito, pegam em aspectos laterais e acessórios, mesmo assim mal entendidos, e ignoram o que é essencial e a existência de um sistema completo e coerente. Seguem o hábito de - no que devia ser uma busca inteiramente autêntica sobre a verdade - tratar os temas como quem pega e mordisca de vez em quando uns frutos secos, juntamente com uns tragos de cerveja. Assim como quem passa o tempo, descomprometidamente.

A perspectiva cosmogônica é algo de que eles não têm nenhuma noção e para o quê carecem totalmente de instrumentos de compreensão. O mesmo acontece ao se depararem com a Antropogênese e a Psicologia apresentadas na obra, porquanto aos servidores da cultura oficial falta subtileza e amplitude, tanto mental como intuitiva, e lhes convém a triste “normalidade” humana própria de apenas uma época e de apenas um modelo de pensamento. A completa mudança de paradigma proposta - tanto explícita quanto implícita - apavora e afugenta o homem moldado e conformado ao interesseirismo imediato.

Ver o universo e a existência “de cima para baixo” e “do geral para o particular”, do topo das montanhas para os vales circundantes, e reajustar por completo a noção do que é real ou não, implica uma tão profunda revolução de consciência, que, sem coragem para a levar a cabo, muitos preferem considerar tais possibilidades como uma quimera ou uma loucura.

Tal conduz a que uma atitude muito habitual seja a de rebuscar a todo o custo (com a maior ligeireza e atitude preconceituosa) motivos para repudiar *A Doutrina Secreta*, mesmo que, em grande parte dos casos, com base numa frase isolada lida fora do contexto - às vezes uma frase que expressa uma opinião alheia que a seguir a autora contesta - ou, muito frequentemente, com base no “ouvi dizer”. Muitos dos opinadores da cultura vigente desconhecem o que efetivamente foi e o que não foi por ela afirmado. É hoje assim, como há décadas e séculos atrás. Quando *A Doutrina Secreta* de Helena Blavatsky foi publicada, em 1888, houve um conceituado jornal americano que fez uma crítica - obviamente negativa - antes mesmo de o livro ser lançado. Que dizer?...

É simples, muito simples afinal. Tanto o livro *A Doutrina Secreta*, como a Doutrina Secreta enquanto sabedoria universal de todas as idades, representam uma verdadeira contracultura face aos paradigmas mentais e comportamentais prevalecentes.

É muito diferente, totalmente diferente, buscar com exigência interior a verdade - melhor, a sua parcela que a relatividade do nosso entendimento permite abarcar - ou comodamente falar sobre a (impossibilidade) da verdade, como meros jogos florais, de entretenimento ou de carreirismo.

Há, todavia, quem tenha coragem para empreender o seu estudo sério, amplo e consequente. Quando tal acontece - e o motivo é justo, altruísta -, abrem-se incontáveis pistas de

investigação, tem-se acesso a um novo e integral sentido e a uma compreensão relativamente a tudo: religiões, correntes filosóficas, tradições espirituais, ciência e psicologia, dor e criatividade, a essencial unidade de *tudo quanto é*, o caminho a seguir... Concomitantemente, gera-se a substância de um contentamento permanente e de uma forte vontade de bem-fazer, com um estímulo anímico que não cessa.

O que ficou escrito aplica-se naturalmente também aos muitos outros escritos de Helena Blavatsky, às *Cartas dos Mahatmas* e a outra literatura estreitamente coligada e com semelhante alcance.

00000

José Manuel Anacleto é presidente do Centro Lusitano de Unificação Cultural, CLUC, de Lisboa. O texto acima é reproduzido da revista “Biosofia”, edição de Outono-Inverno 2014, número 43, p. 58.

000000000

Novos Textos em Nossos Websites



A seguir, reproduzimos o relatório mensal de www.FilosofiaEsoterica.com e websites associados, válido para 09 de Novembro.

Há quatro itens em francês. Em italiano, são treze. O total em espanhol é de **43**. Em inglês, são **576**. Em língua portuguesa **807**. O total nos cinco idiomas é de **1.443** itens, entre eles 28 livros. [1] Os textos incluídos nos websites associados **entre 13 de Outubro e 09 de Novembro** de 2014 são os seguintes:

(Artigos mais recentes acima)

1. **The Golden Aspect of Autumn** - *Lin Yutang*
2. **Conan Doyle Estudou Teosofia** - *Carlos Cardoso Aveline*

